

Pibid: a prática docente em três dimensões reflexivas

Helen Cristina Campos Ribeiro¹
Ormezinda Maria Ribeiro²

Resumo

Este trabalho apresenta a importância do Pibid no processo de formação de professores. Ele proporciona reflexões que se baseiam no ato interdisciplinar e se apresenta em três dimensões: o passado, o presente e o futuro. O tema central desta edição será: Interculturalidade e Patrimônio em Contextos Latino-Americanos. Apresento neste trabalho minhas experiências como professora em formação, com a finalidade de proporcionar discussões acerca da formação do (a) professor (a) para que as pessoas que tenham acesso a minha pesquisa e possam compartilhar de minhas experiências negando-as ou afirmando-as. A metodologia que será utilizada neste trabalho será a apresentação de experiências que obtive com as aulas (mediante a aplicação do projeto “Fatos, imagens e ideias) pelas quais tive a oportunidade de realizar análises sobre discursos midiáticos, com o intuito de apresentar o conhecimento como “um tesouro que liberta da maldade humana”. Por fim, inicialmente a utilização de textos de gênero “notícia” não foram de grande aceitabilidade por parte dos estudantes, foi quando mediante pesquisa sobre o perfil do aluno, comecei a modificar minha prática docente, fui mudando aos poucos e me adaptando, decidindo o tipo de atriz (professora) em que desenvolveria o papel de educar os estudantes.

Palavras-chave: Interdisciplinariedade. Formação de professores. Pibid. Análise de discurso mediático. Reflexão.

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (Paulo Freire, Pedagogia da

¹ Licencianda em Letras, integrante do Projeto PIBID- Letras- UnB

² Professora Dra. Orientadora Projeto PIBID- Letras- UnB

autonomia: saberes necessários à prática educativa, 1996)".

Resumen

210

Este trabajo muestra la importancia del PIBID en el proceso de formación del profesorado. El ofrece reflexiones que se basan en acto interdisciplinario y viene en tres dimensiones reflexivas: el pasado, el presente y el futuro. El tema central de esta edición va a ser: Interculturalidad y Patrimonio en contextos Latinoamericanos. Presento en este trabajo mis experiencias como docente en la formación, con el fin de proporcionar las discusiones sobre la formación de lo (la) maestro(a) para que las personas tengan acceso a mi investigación y puedan compartir de mis experiencias negándolas o afirmándolas. La metodología que se utilizará en este trabajo va a ser la presentación de experiencias que yo tuve en las clases (con el proyecto "Fatos, imágenes y ideas") en que yo tuve la oportunidad de hacer los análisis de discurso de los medios de comunicación, con el fin de presentar el conocimiento como "un tesoro que pone a la disposición de la libertad que libera de la maldad humana". Por último, en el principio de mis clases miré que la utilización de textos de género "noticia" no fueron de gran aceptación por parte de los estudiantes, fue cuando por la investigación de lo perfil de los estudiantes, que empecé a cambiar mi práctica docente, me estaba cambiando y adaptando poco a poco, decidiéndomela el tipo de actriz (maestra) que se desarrollaría el papel de la educación de los estudiantes.

Palavras chave: La interdisciplinarietà. La formación del profesorado. PIBID. El análisis del discurso de los medios de comunicación. Reflexión.

"La alegría no ven solo en el encuentro del hallazgo, pero haz parte del proceso de la busca. Y enseñar y aprender no puede renunciar la procura, fuera de la hermesura y de la alegría (Paulo Freire, Pedagogia de la autonomía: conocimientos necesarios para la práctica educativa, 1996)".

1. Introdução

Os objetivos deste trabalho são o de apresentar as minhas experiências como professora em formação e a importância do Pibid em meu processo de formação com o intuito de proporcionar reflexões que possam contribuir de forma negativa ou positiva para a formação de futuros professores ou para meditação/ transformação de mestres que atuam na área de docência. Neste trabalho escrevo minha trajetória com a simplicidade de alguém que encontrou com esse programa a razão de continuar atuando na área de docência com o anseio de buscar insumos que proporcionem maior aproximação com os estudantes. Como anuncia RIBEIRO (2013, p. 13):

A leitura não está pronta, [...] pode ser construída e realizada no momento particular com o meu interlocutor. Uma leitura que é possível em uma época pode não ser em outro, ou ainda, pode suscita outras, dependendo da situação, de quem a lê, de como a lê e das referências de mundo que ele traz consigo e quiçá partilha com o produtor.

Antes de iniciar o curso de Letras - Português do Brasil como Segunda Língua (PBSL), meu intuito era o de atuar em outro campo de atuação (da qual não descreverei neste artigo). As ideologias relacionadas ao trabalho árduo afastavam-me desta carreira, demonstrando o quão difícil era atuar nesta profissão.

Como aluna do curso de Letras tive a oportunidade de estudar em disciplinas como "Fundamentos da Educação e da Aprendizagem", "Organização da Educação Brasileira", "Didática", "Psicologia da Educação", "Aquisição de Português como Segunda Língua", "Abordagens, Métodos e Técnicas", entre outras. As quatro primeiras disciplinas deram-me a oportunidade de realizar análises e observações quanto aos métodos de trabalho de

alguns docentes e quanto a alguns professores, estudantes e escolas. Algumas das minhas observações foram um pouco severas e um pouco “duras” e, em alguns momentos objetos de elogios em relação a professores e ao ambiente escolar pelo fato de perceber que a “escola” em dado momento contradizia ou ia de encontro as teorias educacionais que eram apresentadas pela universidade.

Minhas análises e observações eram pautadas em experiências que oficialmente não eram minhas, eu era apenas a telespectadora que assistia ao teatro, observando e analisando os papéis de diversos atores e atrizes educacionais. Apresento as terminologias “atores”, “atrizes” e “teatro” (sem tirar a seriedade exercida pelos profissionais envolvidos) como metáforas que se relacionam aos papéis que todos desenvolvemos no campo educacional seja de forma direta (participando ativamente do processo) ou de forma indireta (participando de forma passiva, apática).

Durante muito tempo vivi de e pelas teorias apresentadas pela universidade, vendo-as utopicamente e acreditando que elas deveriam ser “seguidas à risca” como um processo mecânico que seria a solução para vivenciar esse campo mágico, deslumbrante, árduo, porém inexplicável âmbito da educação. Como afirma Ribeiro (2013, p. 53):

Coloca em relevo o papel da universidade como rede sistematizadora de um saber instituído e como responsável pela disseminação de uma nova visão da educação. Isso porque os paradigmas teóricos vigentes nas últimas décadas estão mostrando claros sintomas de esgotamento em sua capacidade explicativa frente às transformações sociais e ao comportamento dos agentes envolvidos na realidade educacional.

Autores renomados como Piaget, Vygotsky, Wallon, Paulo Freire, entre outros, têm suas teorias transformadas na prática docente e, a prática docente é transformada por meio da reflexão crítica desses autores de renome ao entrarem em contato com esse programa.

Foi com e pelo Pibid que vivenciei e vivencio momentos que me transformaram (no ano de 2014) e transformam-me ainda hoje (no ano de 2015), fazendo-me mudar de ideia e

acreditar que é possível lutar pela educação que melhora, avança e cresce. Percebi que não é impossível haver professores heróis e heroínas como aqueles que se vêem em filmes, fato este que é altamente realizável. Vi que da mesma forma que consegui ingressar na Universidade de Brasília (por mais que ingressar na universidade fosse em alguns momentos algo extremamente difícil para mim, por intermédio da persistência e da força de vontade, além de Deus e das pessoas que me apoiaram, ingressei na universidade) e é dessa mesma forma que acredito que atuar com a tendência pedagógica libertária (mesmo mesclando-a com outras tendências pedagógicas como a liberal tradicional e liberal renovadora progressiva) é um ato extremamente praticável, por intermédio das relações amigáveis que são estabelecidas com os (as) alunos (as) dando abertura para estabelecer limites em sala de aula utilizando-se do respeito conquistado por essa amizade, sem se apoiar no argumento de autoridade que muitos professores (as) se utilizam. Como anuncia RIBEIRO (2013, p. 18):

A mudança de atitude do professor tanto na identificação do processo como no desenvolvimento de uma leitura de construção de sentido é, a nosso ver, o ponto de partida para um trabalho eficiente e, realmente, significativo se objetiva tornar o educando um leitor proficiente. A prática deve, ainda, levar o aluno ao uso competente da escrita que passa, de forma obrigatória, pelos processos de leitura. A preocupação em formar alunos leitores constitui hoje o eixo norteador das transformações educacionais que compõem a grande demanda social atual.

Apesar de fracassos e obstáculos educacionais, o importante é sempre fazer de tudo para dar o melhor de si e para o outro, refletindo sobre a própria práxis docente. É comum reclamarmos dos serviços de políticos ou mau atendimento de servidores em alguns órgãos públicos, mas não refletirmos sobre nós mesmos. Como anuncia RIBEIRO (2013, P.13): “Por que reproduzimos modelos em educação e não refletimos sobre a nossa própria prática, construímos nossos modelos?”

Será que estamos fazendo um bom trabalho? Será que tenho feito um bom trabalho? Queremos ensinar os nossos alunos e as nossas alunas a terem medo ou queremos educá-los mediante o diálogo? Qual é o tipo de mudança que queremos em nosso país? Quem

somos e o que queremos? São perguntas que nortearão este trabalho. Conforme RIBEIRO (2013, p. 46):

Na Escola Cidadã, há que se criarem condições interativas para que um fluxo de saber circule, esteja livre, seja disponível e seja formado por coordenação jamais por subordinação. Nessa escola, ensinar-ao-outro é sinônimo de ensina-com-o-outro, ou seja, a escolarização deverá propiciar aos seus sujeitos-em-educação a oportunidade de uma construção interativa entre conteúdos desejáveis e necessários aos conhecimentos objetivo, exterior ao mundo da escola, e o mundo da vida.

A reflexão da / sobre a prática docente e a persistência em e por melhorias no ambiente escolar proporciona transformações, crises e conflitos em todos os agentes envolvidos, servindo de experiências a depender dos atores e das atrizes envolvidos, como diz a própria RIBEIRO:

Ante o espelho, Narciso, deslumbrado com o que viu, falou consigo e encantou-se ao perceber a resposta nos lábios da figura admirada. Alice, ao sair de seu mundo, dialoga com um gato. Busca um interlocutor. Sai de si mesma e avança. Ainda que lhe digam que se não sabe aonde vai é indiferente o caminho que venha seguir, Alice não recua. Ao contrário, encanta-se com o que vê pela frente. Faz descobertas. Confere. Compara. Desestabiliza velhas certezas. Alcança novas dúvidas. E não fica onde está. Mesmo quando volta, volta diferente. Diante do espelho não é mais a mesma. Alice, maravilhada, lança-se ao novo destino. Com olhos de ver o mundo. Com atitude filosófica, livre do senso comum. (RIBEIRO, 2013, p. 63).

2. Meu passado

Nesta seção apresentarei as experiências que tive no passado e que me fizeram crescer tanto profissionalmente como pessoalmente.

2.1 Meu passado: primeiros contatos com o campo

Ao cursar a disciplina de “Fundamentos da Educação de Aprendizagem (FDA)” presenciei a seguinte cena:

Ao procurar uma escola para observação, percebi que a primeira escola que eu iria observar inventou desculpas e não permitiu que eu realizasse as observações. Dirigi-me á outra escola, em meus primeiros dias de observação nesta segunda escola, a professora sugeriu que os alunos fizessem os poemas em um local inspirador e um aluno “C” disse que iria realizar no banheiro, pois para ele seria um local inspirador. Ignorando o fato, a professora passou uma atividade para todos os alunos e a aluna “D” perguntou se a professora não tinha dó dos alunos, “numa sextona”, “de boa”, “sem pressa”. No entanto, a professora respondeu dizendo que eram duas aulas e que era para responder ,sem ter a necessidade de copiar.

Observei que a maioria dos alunos sente uma necessidade enorme de conversar...

A aluna “D” continuou argumentando sobre a atividade e falou que se a professora continuasse a passar a atividade, a esturpraria em sala de aula e um aluno “E” disse que encheria o portão de bala, completando a fala de sua colega. Após isso a aluna “D” perguntou se a professora era casada e a professora perguntou o porquê dela querer saber...

Depois do acontecimento a professora ficou sem graça e solicitou os nomes dos integrantes e

- A aluna “D” ficou mandando mensagens no celular, em vez de realizar a tarefa;
- Alguns alunos ficaram conversando em vez de realizar atividades;
- Outros demonstravam um interesse maior e estavam realizando as atividades.

A aluna “D” se destacou (pareceu querer chamar atenção), apelidou o seu colega de pirulito, por causa do tamanho de sua cabeça e solicitou que a professora o chamasse pelo apelido, dizendo para a professora que seria mais fácil lembrar do aluno “F” pelo seu apelido.

O aluno “G” viu que a turma estava realizando barulho e mandou a turma “calar a boca”, enquanto a professora retomava alguns tópicos do trabalho. O aluno “H”, ao ver que a professora deixou a seguinte tarefa: escolher os temas por meio de acordo entre os estudantes, brincou dizendo: “Vamo sair na porrada para escolher o tema”, parte da turma sugeriu que a professora sorteasse o tema.

A aluna “D” ,no meio da escolha dos temas chamou o aluno “I” e perguntou: “Eu sou gostosa, não sou?” Foi possível notar temas como sexualidade presentes nessa aluna.

As maiorias dos alunos e das alunas se agitaram para escolher os temas e a professora disse que tinha deixado para eles escolherem os temas entre si por que na outra turma havia dado certo dessa maneira, mas acatou a sugestão dos alunos de realizar sorteio dos temas do trabalho.

No final do horário observado, alguns alunos ficaram brincando com o

Lembro-me que desenvolvi diversas críticas sobre a professora em uma aula de FDA, mas não me coloquei no lugar dela. Hoje percebo, que ao invés de desenvolvermos críticas a fatos que à visão de telespectador parece ser equivocada, devemos realizar uma autoavaliação com o intuito de analisar a nossa própria prática para sabermos se não estamos reproduzindo modelos pela qual participamos e desenvolvemos críticas. Como argumenta RIBEIRO (2013, p. 24):

O pintor só dirige aos olhos para nós na medida em que nos encontramos no lugar do seu motivo. Nós espectadores estamos em excesso. Acolhidos sob esse olhar, somos por ele expulsos, substituídos por aquilo que desde sempre se encontrava lá, antes de nós: o próprio modelo. Mas, inversamente, o olhar do pintor, dirigido para fora do quadro, ao vazio que lhe faz face, aceita tantos modelos quantos expectadores lhe apareçam.

Com o passar das aulas que eu observava da professora citada acima, em um SARAU que ocorreu na escola, os (as) estudantes fizeram uma enorme homenagem à professora, a docente se emocionou elogiando e motivando os estudantes, foi quando

percebi que as minhas análises não eram o suficiente para entender o que realmente é a educação. Percebi a importância que a professora tinha na vida dos estudantes e como os estudantes gostavam dela. Como argumenta Ribeiro (2013, p. 42):

O ato de argumentar constitui-se em um ato linguístico fundamental, pois passamos a maior parte de nosso tempo defendendo nossos pontos de vista, falando com pessoas, tentando motivar nossos filhos, alunos, professores, clientes etc. Contudo, as informações em si não são o mais importante, mas o ato de transformá-las em conhecimento. As informações são tijolos e o conhecimento é o edifício que construímos com eles.

Agradeço a essa professora heroína por ter me permitido observar as aulas dela e peço desculpas pelas críticas que realizei em relação ao ensino. Como diz RIBEIRO (2013, p. 57): “Somos narcisos na educação e nos afundamos nessas águas, sem questionar nosso reflexo. Somos aquela imagem. Não é projeção. Acreditamos cega e surdamente que ali está a verdade”.

Ao lembrar essas aulas que observei, percebi que mesmo planejando algumas aulas diferenciadas, em alguns instantes minha própria prática reproduzia modelos tradicionais, em que eu falava e alguns estudantes observavam, mesmo perguntando-lhes se eles tinham dúvidas. No entanto, apesar de algumas aulas não funcionarem como eu havia planejado, com a prática de ensino, vi a oportunidade de mudança. Como afirma RIBEIRO (2013, p. 26):

Empregando uma metáfora: a leitura é um quadro que não pode ser pintado da mesma forma duas vezes, nem mesmo pelo seu autor, pois as cores da paleta jamais serão as mesmas, porque o tempo, a luz, a mistura interferem no resultado final.

2.2. Meu passado: O projeto “Fatos, imagens e ideias”

Lembro-me dos meus primeiros dias no projeto: Eu, minha colega Isabella, meus colegas Jessé, Lucas e Vinícius (os pibidianos e as pibidianas) e os professores José e Josué discutíamos sobre propostas de projetos e formas de aplicação deles. Ao fim das discussões ficou acordado que aplicaríamos respectivamente os projetos “Fatos, imagens e ideias (coordenado por mim), “Produção textual” (coordenado pelo Jessé e pela Isabella) e “Poesia e teatro” (coordenado pelo Lucas e pelo Vinícius) no turno vespertino. No turno da manhã, desenvolveríamos outras atividades docentes com o professor Josué.

Antes de iniciarmos a aplicação dos projetos, nos apresentamos e contamos nossa trajetória de vida até ingressar na universidade (eu e meus colegas pibidianos). Grande parte dos estudantes escolheram o projeto do teatro que a princípio seria coordenado pelo Vinícius, alguns ficaram com o projeto do Jessé e da Isabella, outros com o meu e alguns com o do Lucas. Devido a quantidade de estudantes o professor José, o Lucas e o Vinícius decidiram unir o projeto de Teatro ao de Poesia, nomeando-o de “Poesia e teatro”.

O mesmo processo foi realizado com as outras turmas, mas dessa vez por causa da grande quantidade de alunos no projeto de teatro, o docente José decidiu realizar sorteios entre o projeto que eu, o Jessé e a Isabella ministrariamos, informando aos alunos que eles passariam por ambos os projetos por intermédio de trocas periódicas. Dito isso, dou início aos primeiros dias em que comecei a dar aulas.

Lembro-me que eu estava bem nervosa, falava mais baixo do que falo atualmente (2015), tinha dificuldade de brincar e de conversar de forma mais próxima das pessoas e foi por meio do contato com os estudantes que iniciei as mudanças em meu ser. Como havia poucos alunos presentes, vi que não daria certo tentar conhecer cada um dos estudantes naquele instante, foi quando decidi aplicar o plano “B”, a montagem do mural. Terminei de montar a montagem do mural com todas as turmas

Nas aulas posteriores, vi que ainda continham poucos (as) estudantes, mas utilizei o plano “C”: a análise de textos midiáticos. Percebi que os estudantes não gostavam dos

textos que eu trazia e pedi que eles trouxessem textos presentes na mídia que eram de interesse deles.

Na outra aula, vi que os estudantes não haviam trazido os textos que eu havia lhes pedido, eu trouxe alguns reservas, mas preferi fazer um estudo do perfil dos estudantes, tentando me aproximar ainda mais desses discentes. Segue abaixo cópia do relato que fiz sobre essa aula:

Em 09 de abril de 2014, desenvolvi uma atividade dinâmica, buscando conhecer um pouco mais os alunos participantes do projeto “Fatos, imagens e ideias”, lhes perguntei seus nomes, as perspectivas iniciais que tinham sobre o projeto, o que eles mais gostavam de fazer, um objeto que representasse o momento de vida deles e o tipo de reportagem que eles mais gostassem de ver ou ler, e posteriormente discutimos sobre os fatos que acharam mais importantes nos seus tipos de notícias preferidas.

Surgiram muitos fatos interessantes, como o fato da maioria dos discentes quererem ingressar em cursos concorridos como Medicina, Direito e Psicologia ou até mesmo por quererem cursar Biologia, Educação Física, Filosofia, Letras, Fotografia, Artes, Engenharia Mecatrônica, por alguns não fazerem planos em relação a isso e, por último por alguns não terem uma ideia fixa do que querem fazer no futuro.

O ensino médio é uma época em que passa muitas coisas nas cabeças dos alunos, ao realizar essa dinâmica com os discentes, me lembrei dos questionamentos que fiz no meu interior quando estava passando por um processo parecido com o deles, como: Qual a profissão que exercerei no futuro? O que farei se não conseguir o curso que pretendo ingressar? Quais são os caminhos que irei traçar para realizar os meus objetivos?

Todos os estudantes tinham o desejo de ingressar na UnB, no Uniceub, no CAESIS ou até mesmo na USP, mas percebi que alguns alunos já traçavam outras estratégias para o caso de não conseguirem realizarem as suas metas, alguns disseram que iriam realizar concursos, outros opinaram por mais de uma escolha de formação de nível superior. Pude perceber a ansiedade dos estudantes acerca do futuro que lhes esperariam, fato esse que ocorre com a grande maioria de lecionandos nessa fase da vida.

Além disso, pude ouvir eles falarem que gostam de dormir, conversar, ouvir música, jogar no PSP, de tudo sobre o futebol, de jogar bola, de computador, do controle de videogame, do celular, jogos online, falar, escrever textos de autoria própria e por último, mas não menos importante, de ler livros com gêneros de romance, suspense e comédia.

Ao lhes perguntar sobre um objeto que representassem seus momentos de vida, a grande maioria dos estudantes apresentaram o celular como resposta, outros elegeram o pircing, o PSP, a aliança com Deus, o computador, a caneta e o vídeo game. perceptível que para alguns a tecnologia era algo muito presente, principalmente quando se tratava de Facebook e Twiter; para outros o visual, o estudo ou até mesmo o comprometimento com Deus, mas no final todos estavam presentes na sala de aula com o mesmo objetivo, o de terem um futuro melhor.

Posteriormente, perguntei para o grupo quais eram as reportagens que mais lhes interessavam, me reponderam que gostavam de reportagens sobre a Copa do Mundo, a saúde, a educação, tragédias, erradicação do analfabetismo, sobre a Valeska e as questões da prova, aeroportos, violência, estupro (por causa do aumento do número de estupros), esportes, entretenimento, cultura, lançamentos de jogos ou até mesmo o fato de não gostarem de nenhum tipo de notícia. Depois disso, pedi que justificassem suas respostas e a grande maioria de forma direta ou indireta, demonstraram preocupações com a realidade em que vivem.

O professor José, também entrou na brincadeira, disse que gosta de pescar e trabalhar, que fez Letras (Uniceub), pensando em fazer história, fez um curso de teologia e pretende fazer um curso de mestrado em filosofia na UnB. O objeto que representa o seu momento de vida é uma caneta e a reportagem que mais lhe chamou a atenção foi o fato de estudantes da Nigéria terem sido sequestradas, violadas e vendidas por quererem estudar.

Aproveitei que o educador citou essa reportagem e realizei referência com o fato de termos a oportunidade de estudar no Brasil, lhes mostrando que o segredo para ingressar na UnB, é justamente estudar, e que apesar de parecer chato para alguns, essa vai ser somente uma etapa da vida, e que após essa etapa, é possível ver um sonho realizado, fazendo aquilo que se realmente gosta.

Para finalizar a aula, disse para os alunos que realizaria dois tipos de premiação para aqueles que selecionassem uma reportagem de interesse e desenvolvessem um comentário acerca dela, a primeira seria premiar os três selecionados com uma caixa de bombom para cada um e depois premiar de forma diferenciada os que não foram selecionados, mas que realizaram a tarefa.

Com o término da aula, pude perceber que os alunos sentiram um pouco mais de interesse no programa e se sentiram mais motivados para a realização das demandas que lhes foram propostas.

Como expõe Ribeiro (2013, p. 54): “Partindo da multiplicidade de temas e de formatos que o aluno traz para a classe, procedemos à organização do amontoado de informações de acordo com as necessidades metodológica, adequando-as às especificidades da pesquisa”.

Nas aulas posteriores, eu trouxe textos presentes na mídia que estavam relacionadas ao perfil dos estudantes e solicitei que eles analisassem as notícias, apresentando as opiniões que eles tinham sobre o conteúdo. Percebi grande avanço em relação ao interesse pelos conteúdos, mas ao pedir que os estudantes criassem outros textos com base em textos presentes na mídia que fossem do interesse deles, poucos faziam a atividade.

O plano que adotei para tentar fazer com que eles trouxessem as atividades foi a apresentação de vídeos motivadores que os (as) incentivassem, utilizei quatro vídeos: “cena do filme Desafiando Gigantes”, vídeo: “Fantástico - Campeões do vestibular contam como passaram para as federais 13-02-201”, “Rato - Uma história de superação” e o “Mito da Caverna” para demonstrar a importância do conhecimento crítico, de saber o que ocorre no Brasil e no mundo, de superar os limites e de “quebrar as barreiras” existentes na realização dos sonhos (pedi que os estudantes desconsiderassem erros gramaticais presentes em alguns dos vídeos).

Além disso, em conjunto com os (as) estudantes fizemos a leitura do texto “O cidadão leitor” (Augusto Bernardo Cecílio) para demonstrar a importância que a leitura na vida do cidadão. Percebi que aos poucos os estudantes demonstravam uma postura diferente da que eles haviam demonstrado, o número de discentes que haviam feito a atividade havia aumentado.



Figura 1: Vídeo "O Mito da Caverna" - Platão.



Figura 2: Trecho que se refere a parte do filme "Desafiando Gigantes".



Figura 3: Trecho que se refere a parte do vídeo "Rato Uma História de Superação".



Figura 4: Trecho que se refere a parte do vídeo "Fantástico - Campeões do vestibular contam como passaram para as federais 13-02-2011".

Ainda sim, eu não consegui abranger a todos. Eu não me contentei e além da pontuação que o professor disse que eu lhes atribuiria, decidi realizar as premiações dos textos entregando caixa de bombom para os premiados e BIS com mensagem motivacional para os que não haviam sido premiados. Mesmo afirmando que haveria premiações, alguns/ algumas estudantes ainda haviam deixado de entregar algumas tarefas. De acordo com Ribeiro (2013, p. 61):

A linguagem de Alice é a do questionamento, o da não aceitação do pronto, do já estabelecido. É, sem pretensão de ser, uma atitude filosófica. Alice indaga, questiona. Não aceita o imposto, o suposto, ou o pressuposto. Alice atravessa o espelho e se depara com as suas fantasias, com as metáforas explícitas, com a realidade por detrás do espelho. Alice não sabe aonde ir, mas não quer continuar onde está. E procura um caminho. Sabe que a direção a seguir implica escolhas e admite que não tem preferência quanto ao lugar para onde vai. Mas tem certeza de que não quer ficar onde está. É essa certeza que lhe garante a saída.

Vendo essa situação, percebi que eu precisava formular outro plano: eu precisava insistir ainda mais e cobrar ainda mais pela realização das atividades, quando eu os (as) via, eu perguntava: “Você fez a atividade que pedi?”, na maioria das vezes eu recebia um não, mas eu não deixava de persistir, eu não podia desistir.

Durante o projeto fui criando planos, me modificando, me transformando, me descobrindo e foi por causa do programa (Pibid) que me apaixonei pela profissão que ora parecia árdua, utópica e trabalhosa. Mas em minha mente, predominava a seguinte voz: “não desista, eu posso, eu consigo, eu vou persistir”. Segundo RIBEIRO (2013, p. 59):

O educador por seu turno, é apenas um suscitador do eu: quem desperta o aluno para a consciência da responsabilidade, da finitude, da morte, mediante uma sustentada preocupação consigo mesmo. O educador não modela a criança e o jovem, pois não pode decidir sua essência; mas terá de incitá-lo em benefício de sua autenticidade e originalidade pessoais.

O projeto chegara ao fim, era o dia de premiação dos estudantes, eu já podia sentir saudades de todos eles, sem nenhuma exceção. O formato das cadeiras dispostas em semicírculos e o diálogo estabelecido com os estudantes me motivavam. Eu não consegui abranger a todos os estudantes, mas tive a certeza de que dei o meu máximo e que poderia

fazer melhor ainda utilizando as experiências que obtive com outras turmas. Conforme Ribeiro (2013,p. 47):

É nessa escola em que o outro-que-não-sou-eu, a despeito de ser sujeito composto, pode ser único e solidário com os outros-que-não-são-ele e de fato educar-se no diálogo e no entrelaçamento das múltiplas atividades que redundam na autonomia e na liberdade de ser e estar, de estar-sendo e de deixar de ser, e, assim, declarar-se sujeito, senhor de suas escolhas e de seu conhecimento.

Ao chegar à sala um estudante me chamou de lado e me disse: “professora, eu não fiz o texto que a senhora pediu, mas como a senhora é uma das poucas professoras que corre atrás de mim para fazer a atividade, eu vou fazer para a senhora agora e lhe entregar”. Eu concordei e ele fez um dos mais lindos textos que eu já vi, baseado em um texto da mídia que falava sobre música (assunto que ele gostava). Segue abaixo dois textos dos estudantes que foram premiados, incluso o aluno que fez o texto no mesmo dia da premiação:

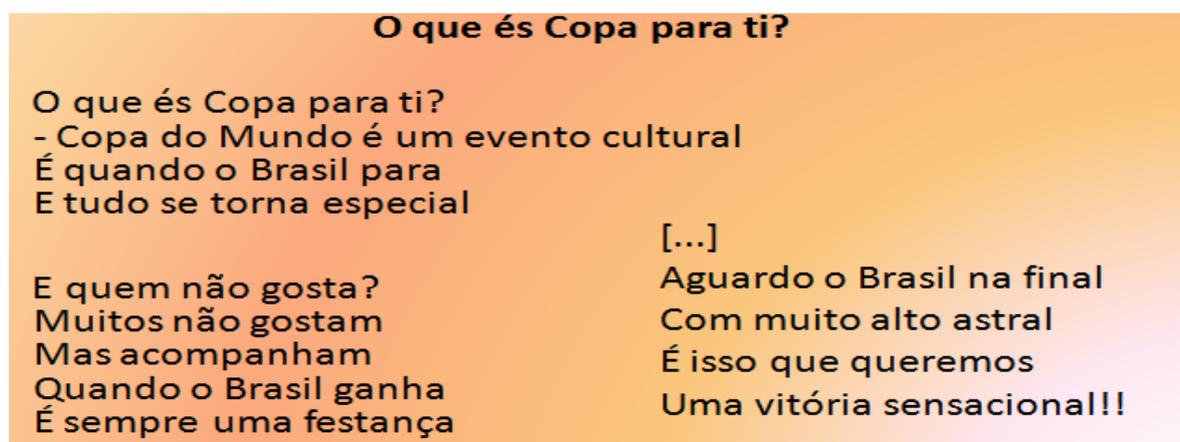


Figura 5: Trecho de obra escrita pelas estudantes *Milena dos Santos e Letícia Jesus* que tiveram como base notícias sobre a Copa do Mundo (2014).

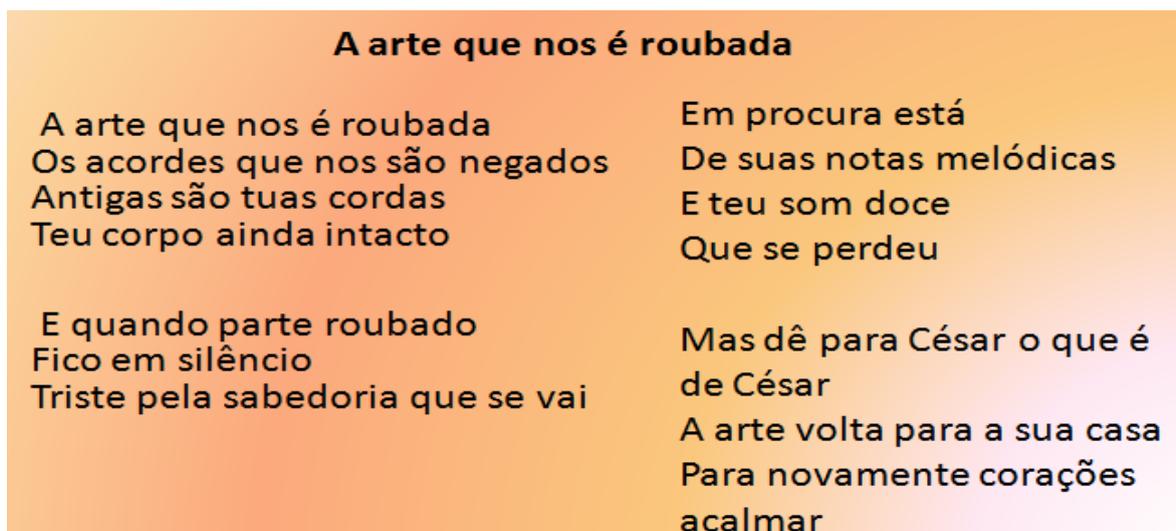


Figura 6: Obra escrita pelo estudante *Ícaro Carvalho* que teve como base notícia sobre roubo de um violoncelo (2014).

Ao realizar a troca de turmas, eu fui carregando minhas experiências, modificando-as, moldando-as e criando novos planos para atender as novas turmas. Analisei junto aos alunos assuntos como o uso da voz passiva, da voz ativa, de ambiguidade e de metáforas dentro de textos midiáticos, com o intuito de lhes demonstrar a importância da língua portuguesa e como esses elementos interferem na análise de informações, demonstrando que o conhecimento de todo o contexto da obra é de fundamental importância para compreensão de assuntos que nos cercam diariamente. Como argumenta RIBEIRO (2013, p. 27):

Ao incluirmos, no processo de construção da leitura a relação do sujeito-leitor com outras formas de linguagem, que não só a verbal, estaremos oportunizando ao aluno a possibilidade de construir a sua própria história de leituras ao estabelecer as relações intertextuais necessárias ao resgate da história de sentidos do texto, cujo contexto sócio-histórico deve ser levado em conta, tendo sempre em vista que os sentidos (re) construídos têm uma historicidade, um passado e se projetam no futuro.

3. Meu presente: a unificação de projetos e os ensaios do teatro

No ano de 2015, atuei no projeto nas quartas-feiras e nas sextas-feiras. Nas quartas-feiras, eu atuei como apoio e em alguns momentos ministrei algumas aulas de literatura, também tenho corrigido algumas atividades. Nas aulas de sexta-feira, ministrei algumas aulas de literatura em conjunto com meus colegas e no presente momento (2015) estou na parte da sonoplastia da peça em conjunto com meu colega Jessé e no apoio para eventuais necessidades. O Lucas e o Vinícius têm auxiliado os estudantes com o ensaio. A Paula (a nova pibidiana) tem auxiliado os estudantes do cenário e no apoio para eventuais necessidades, ela também tem desenvolvido atividades comigo nas quartas-feiras.

Também tenho dado suporte aos alunos e às alunas via Whatzapp esclarecendo dúvidas, postando curiosidades e informações sobre a língua portuguesa.

Durante os ensaios da peça, alguns alunos saíram da peça por motivos de mudanças de escola, outros dois por conflitos gerados durante os ensaios. O professor José, eu e meus colegas pibidianos tentamos intervir para que os estudantes que saíram do ensaio por motivos de conflito continuassem, mas eles não queriam. O professor José interviu e decidiu passar outra atividade para esses estudantes em outra sala.

Uma outra estudante estava com depressão e não estava indo à escola, ela era uma das que foram premiadas por desenvolver a atividade que solicitei sobre o “Arcadismo”. No dia em que entreguei-lhes a premiação, senti falta dessa discente. Eu e ela estávamos conversando via Whatzapp e ela se dispôs a ir ao dia de entrega da premiação, mas ela dormiu e não conseguiu ir à escola para receber a premiação. Durante algum tempo eu havia dito que podia entregar a premiação dela na casa dela, se ela quisesse, mas ela dizia

que não queria dar trabalho. Eu disse a ela que não seria trabalho nenhum. Ela me passou o endereço dela e eu lhe entreguei a premiação. Conversei alguns momentos com essa estudante e fiquei feliz em saber que ela estava melhorando dia após dia.

Além disso, para incentivar os estudantes, entreguei-lhe pirulitos do dia das crianças, para demonstrar a eles (elas) que dentro de cada um vive uma criança capaz de realizar os sonhos deles e delas. Como diz CURY (Nunca desista de seus sonhos, 2004):

Se seus sonhos são pequenos, sua visão será pequena, suas metas serão limitadas, seus alvos serão diminutos, sua estrada será estreita, sua capacidade de suportar as tormentas será frágil. Os sonhos regam a existência com sentido. Se seus sonhos são frágeis, sua comida não terá sabor, suas primaveras não terão flores, suas manhãs não terão orvalho, sua emoção não terá romances. A presença dos sonhos transforma os miseráveis em reis, faz dos idosos, jovens, e a ausência deles transforma milionários em mendigos e faz dos jovens, idosos. Os sonhos trazem saúde para a emoção, equipam o frágil para ser autor da sua história, fazem os tímidos terem golpes de ousadia e os derrotados serem construtores de oportunidades.

Apesar de eu ter apresentado algumas frustrações em minha trajetória como professora em formação, utilizo minhas experiências como forma de aprendizado e desenvolvo constantes reflexões sobre minha *práxis*, modificando-me para abranger o maior número de estudantes possíveis. Um dos meus sonhos é conseguir aprimorar minha prática docente para abranger todos os discentes que eu tiver o contato futuramente, por mais que seja uma tarefa difícil, árdua e por hora impossível, tenho essa ação como meta e darei meu máximo para conquistá-la.

4. Meu futuro: reflexões e metas

Durante sucessivos momentos da minha vida sonhei em poder fazer algo pelos outros, algo que fosse além do meu “eu” e que pudesse contribuir para sociedade como

um todo. Esse sonho ora parecia “adormecido”, ora reluzia como um “enorme cometa” que criava vida e incendiava os meus dias com a mistura de diversos sentimentos que me mostravam que a verdadeira felicidade estava em poder ajudar o próximo. Conforme RIBEIRO (2013, p. 46): “Há que se possibilitar um espaço interior para se tecer uma rede de descoberta pessoal e solidária de descoberta de um saber que se estenda natural e tranquilamente ao espaço exterior”.

Com o Pibid apaixonei-me pela educação e penso em me capacitar cada vez para tornar os conteúdos mais atrativos para o ensino e para o aprendizado, atuando como mediadora nesse processo, com o intuito de estabelecer uma relação dialoga e amigável e, proporcionar o ensino e o aprendizado de forma libertadora. Busco por meio de minhas experiências me aprimorar cada vez mais diante do aprendizado que tenho e que ainda terei. Como diz a professora Aya (RIBEIRO, 2014): “*Aprendizes e discentes somos todos ao longo da vida, mesmo os professores mais experientes mudam de papel*”

Faço isso sem o intuito de receber qualquer mérito, pelo contrário disso, faço por e pelos estudantes para tentar suprir os fatores externos (causados por problemas estatais, tal como a falta de investimento na educação ou qualquer outro fator envolvido no processo educacional que prejudique a qualidade de ensino).

Não sou a dona da verdade e não garanto que tudo que eu faça tenha como resultado o sucesso, sei que também fracassarei em algumas situações (não que eu queira que o fracasso ocorra, pois há fatores externos que não dependem somente dos professores e das professoras), mas farei do fracasso uma motivação para futuras vitórias, me apoio em Ribeiro (2013, p. 53):

Alunos e professores de uma escola cidadã são coparticipantes de uma gramática que não exclui o sujeito, nem supervaloriza o objeto, todavia, conjugam (juntos) toda a lista dos verbos incoativos e se permitem criar novos verbos e novas palavras.

Em meu futuro eu quero e espero conseguir ser uma professora libertária, como aquelas que se veem em filmes como “Mentes Perigosas”, “Escritores da Liberdade” e “ O

sorriso de Mona Lisa”. Quero proporcionar um ensino que liberte os passarinhos que precisam de incentivo para poder voarem longe, ao alcance dos sonhos que “levam” à “brilhantes” futuros estudantis. Conforme Ribeiro (2013, p. 62):

Numa perspectiva culturalista, que combina sociedade, cultura e linguagem e não acredita na existência de um sujeito soberano e de uma verdade a ser alcançada, e entende a necessidade de se enfatizar a provisoriedade das múltiplas posições nas quais somos colocados em função das múltiplas mudanças discursivas que nos constituem, inferimos que a linguagem que nos cerca constrói o nosso universo. Somos o resultado dos discursos que nos compõem.

Considerações Finais

Segundo Bortoni (2008):

1. Estudantes precisam falar.
2. Estudantes precisam agir.
3. Estudantes precisam brincar.
4. Estudantes precisam ter limites.
5. Estudantes precisam trabalhar em grupo.
6. Estudantes precisam desenhar.
7. Estudantes precisam ouvir histórias.
8. Estudantes precisam contar histórias.
9. Estudantes precisam ler e escrever.
10. Estudantes precisam ser estimulados.

Diante dessa citação, é visível que a relação dialógica e amigável estabelecida entre os estudantes é mais viável e adequada para o ensino libertário. No entanto, ao analisar a fala de BORTONI, apresento a seguinte reflexão: De que forma os limites podem ser estabelecidos aos estudantes, sem utilizar-se de argumentos de autoridade? Diante das experiências que vivi até o presente momento (2015) cheguei à conclusão de que a melhor

forma de se estabelecer esses limites é diante do respeito que se conquista dos estudantes ao tratá-los da forma como já discorri diante deste trabalho. De acordo com RIBEIRO (2013, p.48): “O ideal da Escola Cidadã é que cada pessoa se descubra sendo o sujeito pleno de seu próprio conhecimento. Há que sentir fome e sede de conhecer”.

Para finalizar, deixo bem claro o que eu disse no início deste trabalho: escrevo minha trajetória com a simplicidade de alguém que encontrou com esse programa a razão de continuar atuando na área de docência com o anseio de buscar insumos que proporcionem maior aproximação com os estudantes. Como diz Leonardo da Vinci: “A sabedoria da vida não está em fazer aquilo que se gosta, mas gostar daquilo que se faz”.

Referências

BORTONI, S.M. Os dez princípios básicos da prática pedagógica. In: O professor pesquisador. 2008. Disponível em:
<http://www.stellabortoni.com.br/index.php/component/content/article/41-secao-noticias/publicacoes/120-o-professor-pesquisador-> . Acesso em: 20 de outubro de 2015.

CECÍLIO, A.B. O cidadão leitor, 2014. Disponível em:
<http://www.emtempo.com.br/opiniaio/artigos/14606-o-cidad%C3%A3o-leitor.html> . Acesso em: 23 de abril 2014.

Desafiando Gigantes. Direção e roteiro: Alex Kendrick. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7UnyWuu8HK0> . Acesso em: 22 de outubro de 2015.

DOCA, G. Obras em seis aeroportos só ficam prontas após a Copa. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/obras-em-seis-aeroportos-so-ficam-prontas-apos-copa-12123064> . Acesso em: 20 de outubro de 2015.

Fantastico - Campeões do vestibular contam como passaram para as federais 13-02-2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0ZU_UdtsMo8 . Acesso em: 22 de outubro de 2015.

FRANCE PRESSE. Stradivarius roubado em 2010 é achado intacto no Reino Unido. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/07/stradivarius-roubado-e-achado-intacto-no-reino-unido.html> . Acesso em: 20 de outubro de 2015.

Mito da Caverna: Platão - Dublado - Voz: Rodrigo Freire, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rft3s0bGi78> . Acesso em : 22 de outubro de 2015.

Rato Uma História de Superação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c-PmPalvmrI> . Acesso em : 22 de outubro de 2015.

RIBEIRO, Ormezinda M. **Na teia de Penélope**. Metáforas na Educação. Campinas: Pontes, 2013.